



FOTO: REGINALDO TEIXEIRA

Para eles e para o mundo, foi mais fácil acusar a artista plástica pela separação da banda do que perceber que eles não funcionavam mais juntos. Ao final dos quinze minutos de fama dos Beatles - que duraram oito anos -, foi muito difícil reconhecer que as pessoas crescem e andam em direções diferentes. Se Linda virou McCartney, Lennon virou John Ono Lennon. Anos depois, Yoko perdeu John e Paul perdeu Linda. Estranhas linhas do destino.

O fim dos Beatles em nada o prejudicou. Lennon foi brilhante durante e depois da banda. Poucos souberam exercer tão bem a incomum missão de trazer ao mundo tantas melodias certas, canções sublimes de angústia e êxtase, prazer e dor. A ausência marcante do pai e a traumática perda da mãe colaboraram muito para torná-lo entendido nesses assuntos: "Mama don't go / Daddy come home..." As canções de John até hoje nos fazem sentir o gosto da bília mais amarga ou do mais doce fel. Assim nossas vidas ficaram menos miseráveis.

É um pouco mais fácil não se tornar melancólico se pensarmos que, fazendo jus à lenda, Lennon nos poupou de vê-lo na decrepitude, careca e barrigudo. Ídolos saem de cena, não envelhecem jamais. Guardaremos para sempre a melhor imagem de John, passeando de mãos dadas com Yoko sob o sol do Central Park.

Um devaneio sobre o que ele estaria fazendo se estivesse vivo: que tal a sonhada volta dos Beatles, numa única apresentação, realizada na noite de Ano-Novo de 2000, num megashow em Copacabana, e transmitida para todo o planeta? Em 2001, os atentados de 11 de setembro e a perda do ex-Beatle George Harrison deixariam Lennon imerso num período sabático, quem sabe

recluso num templo nas montanhas do Tibete, junto ao Dalai Lama, de onde sairia com inspiração para compor grandes canções, instantâneos hits planetários. De volta à ativa, haveria muito trabalho pela frente para John, como o apoio às fontes de energia limpa, a luta contra o desmatamento da Amazônia, pelos direitos civis na China, a libertação do Tibete, a criação do estado palestino e o fim das guerras no Iraque e no Afeganistão.

Para dar conta de tudo isso, John formaria uma nova parceria com um velho amigo, famoso por suas canções de protesto, para lançar um álbum de retumbante sucesso: *John Lennon and Bob Dylan - No More War!* A turnê desse encontro inédito rodaria o planeta por dois anos e os lucros seriam todos revertidos para grandes causas. Começariam rumores de que John e Paul voltariam a compor juntos. Paul estaria eternamente agradecido por Yoko ter evitado magistralmente que os direitos das músicas dos Beatles caíssem em mãos inimigas. John estaria querendo dar uma força ao velho amigo, que já passara por maus bocados com a perda de Linda e sofrera muito por causa do novelesco divórcio com uma ex-modelo...

Bem, devaneios à parte, a vida continua, mas algo me faz sentir que o mundo seria bem melhor se John Lennon estivesse vivo.

Pano rápido: neste exato momento, hordas de crianças, filhas de pais que nasceram depois que John morreu, brincam de ser Beatle num videogame famoso. Ainda há esperança para a humanidade. Thanks a lot, John!

* JOÃO BARONE é baterista dos Paralamas do Sucesso e beatlemaníaco desde criança

João Barone, o baterista dos Paralamas do Sucesso. Apaixonado por Lennon, ele começou a se interessar por música ouvindo Beatles